

“O REGRESSO DO BANDARRA”, PARA UMA NOVA RELIGIOSIDADE

JOSÉ SOARES MARTINS¹

O tempo pós moderno é o tempo em que a verdade se vê como evento e hermenêutica assumida como marcada pela contingência histórica, abandonando as suas pretensões de absoluto. Nesse sentido deve surgir como a superação da metafísica ou mesmo o fim desta. Quando aplicado à religião e ao cristianismo, este fim da metafísica não significa o fim da religião nem do cristianismo. É outra coisa que está em jogo no novo xadrez presente no pensamento ocidental a que Gianni Vattimo designa por *pensiere debole*.

A crença em Deus como fundamento da nossa realidade, foi durante séculos um factor decisivo para a manutenção de uma determinada ordem e estrutura do mundo e de toda a realidade. Mas este Deus, é segundo Vattimo, um deus metafísico, transcendente, um deus outro inacessível, segundo Otto.

Heidegger caracterizando o ser como evento, punha em causa imobilidade típica da metafísica, que atravessou a Europa durante séculos, só começando a abrir-se para a história nos finais do século XVIII. Ora Nietzsche dá uma machadada final neste deus metafísico ao anunciar a morte de deus.

Será este anúncio o fim de qualquer experiência religiosa? A morte de deus, não encerra o fim da religiosidade, nem o triunfo da ateísmo. O que Nietzsche propõe é apenas e somente o fim do deus metafísico. Ou seja a ausência de um fundamento definitivo (Vattimo, 2004)

O Deus que morreu foi somente o deus dos teólogos e dos filósofos. Essa é para Vattimo a boa nova, que abre caminho a novas experiências religiosas e novas religiosidades. Deus morreu, como para Foucault o homem morreu, ou seja uma determinada concepção de homem.

Assim foram os fiéis e a sua religiosidade baseada no transcendente que mataram verdadeiramente deus. A secularização poderá ser um modo contemporâneo de viver um retorno à religião de um modo diferente marcado por uma verdadeira autonomia relativa à esfera do sagrado, tendo antes em atenção um deus que se vai construindo dentro da

¹ CTEC/UFPA
Maia 26 de Abril de 2018

história do ocidente. Podemos então dizer que a experiência religiosa tem o seu sentido consumado a partir do anúncio da morte do deus da metafísica.

Joaquim de Fiori, concebendo a revelação bíblica como experiência do Espírito e a história da salvação como história do anúncio da salvação, transmite a ideia clara de uma história da salvação não consumada, desde o fim dos tempos, mas ainda em curso, em plena realização. Assim o monge calabrez introduz o ritmo histórico no interior da própria vida divina.

Este ritmo histórico que começa com a idade do pai, se prolonga com a do filho, alcança o seu zénite na do espírito santo onde o conteúdo da revelação será finalmente conhecido. Vattimo vê esta concepção joaquimista como o fim da metafísica e com a secularização em plena assunção.

É neste sentido que Vattimo vai-se socorrer da poetização do real a partir do pensamento de Novalis e se aproxima de Schelling e de Schleiermacher, concordantes com a posteridade espiritual de Joaquim de Fiori. É Schelling quem fala do advento de um reino de liberdade baseado numa religião sensível, caracterizada por um monoteísmo do coração e não da razão.

Ora esta Idade do Espírito, enquanto terceira idade implica como já o afirmamos o fim da época da metafísica e o advento romântico de uma nova religião. Como diria Schleiermacher, o pior que pode acontecer a uma religião é o de ser interpretada ao pé da letra, cabendo a cada um a sua própria interpretação. Vejam-se os fundamentalismos contemporâneos sobretudo o islâmico. Assim, tendo em conta os novos tempos, ou a Idade do Espírito. As igrejas cristãs, deveriam reconhecer a herança do seu evangelho no seio da sociedade actual, abandonando definitivamente a interpretação literal e autoritária da bíblia. Assim para Vattimo, não existem factos, apenas interpretações, as quais vão ao encontro da tradição histórica que é o nosso solo comum, como é o caso do Bandarra quando reflete sobre o devir de Portugal e no regresso de um rei terreno e carnal para nos indicar o melhor caminho a seguir, baseando-se ele também em Fiori. Daí que Pessoa, afirme categoricamente que a espiritualidade de Portugal não tem o seu centro de gravidade na Fátima do deus metafísico, mas em Trancoso, chave do devir da nossa história.

Vattimo socorre-se igualmente de Girard ao afirmar que o deus violento deste, sedento de vingança e de sacrifícios, deus onipotente é em suma o deus da metafísica que resume em si todas as características do ser objectivo tal como a metafísica o caracteriza. Contra este Deus surge o deus não violento e não absoluto. O deus humano.

Assim a secularização religiosa, seria antes de mais a concretização positiva e humana da mensagem cristã. A dessacralização do sagrado violento não seria a abertura ao deus feito homem de que nos fala o papa Francisco? Onde a herança cristã da pobreza (os francisca-

nos espirituais), da humildade , a recusa da violência , a ética, deveria conduzir o coração dos homens? E não o deus das cruzadas, da guerra santa, mas também o deus encapotado do nazismo e do estalinismo totalitários ou o deus impiedoso da razão revolucionária de 1789.

Assim podemos dizer que o mundo das verdades absolutas chega ao fim na sua impossibilidade evidente. A metafísica chega ao seu fim e é possível a viabilização de um novo ou novos deuses.

A nossa civilização já não será explicitamente cristã, assumindo-se como laica, mas as suas raízes , marcadas pela herança cristã abrem caminho a que Vattimo chama um secularização positiva como traço distintivo da modernidade.

Estamos no tempo de todos os fins e entre eles a não segunda vinda de Cristo, como o afirma Rorty. Ou seja cada vez mais o ser humano abandona as crenças religiosas de outrora para abrir-se a outras crenças como a ética, ou a natureza. Por detrás desta realidade existirá uma outra que trará ao ser humano a esperança de um novo céu e de uma nova terra?

Porque não reler Fiori ou o nosso sempre eterno Bandarra. É a hora como diria Pessoa.

BIBLIOGRAFIA

Habermas, J. (2000) O Discurso Filosófico da Modernidade. S. Paulo; Martins Fontes

Habermas, J. (2007) Entre o Naturalismo e a Religião. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro

Heidegger, M. (1972) O Fim da Filosofia ou a Questão do Pensamento. S. Paulo: Duas Cidades

Heidegger, M. (2007) Ser e o Tempo. Petropolis: Vozes.

Nietzsche, F. (1974) Assim Falava Zaratustra. Lx: Presença.

Vattimo, G. (1998) Acreditar em Acreditar. Lx. Relógio de Água.

Vattimo, G. (2004) Depois da Cristandade. Rio de Janeiro: Record.